

PERCEPÇÃO DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE PELOTAS SOBRE BIOSSEGURANÇA

ANTÔNIO GONÇALVES DE ANDRADE JUNIOR¹; MARTHA BRAVO CRUZ PIÑEIRO²; DANIELE WEBER FERNANDES³; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – antonio_3@icloud.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – martha.pineiro@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – daniellewfernandes@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Zoonoses são doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais e seres humanos em diferentes situações e ambientes. (ZANELLA, 2016). Um relatório publicado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) indicou que mais de 75% das doenças humanas emergentes do último século são de origem animal (USAID, 2009).

A prática da medicina veterinária envolve riscos físicos, químicos e biológicos, e muitos estão relacionados a zoonoses. Principalmente em hospitais e clínicas veterinárias existem muitos fatores que geram perigo ocupacional. Este risco aumenta quando não se adotam as normas de proteção, como o uso de equipamentos de proteção individual e higienização adequada das mãos (BARRA, 2018).

Por isso é de extrema importância as práticas de biossegurança, sendo um conjunto de medidas voltadas para a prevenção, controle, redução ou eliminação de riscos inerentes às atividades que possam comprometer a saúde dos seres humanos, dos animais e do meio ambiente (SILVA, 2012).

Devido à importância zoonoses e a importância do médico veterinário neste contexto, o presente estudo teve como objetivo relatar as práticas de biossegurança dos Médicos Veterinários em Pelotas, RS e divulgar sobre as práticas adequadas.

2. METODOLOGIA

A fim de entender e traçar um perfil dos Médicos Veterinários, atendentes em clínicas na cidade de Pelotas, em relação a biossegurança empregada, integrantes do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica de Pequenos Animais (ClinPet), vinculado à Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas desenvolveram um questionário adaptado de SILVA (2015) de autocompletamento como instrumento de coleta de dados. O preenchimento foi voluntário e anônimo. As questões foram divididas em seções na seguinte ordem: características sócio demográficas e ocupacionais; comportamentos que influenciam o controle de infecção no ambiente de trabalho; utilização de Equipamento de Proteção Individual (EPI) em situações diversas na prática clínica e gerenciamento de resíduos. Os resultados foram tabelados e realizada a frequência das respostas. Foi desenvolvido um *folder*, sobre as práticas corretas e normas de biossegurança na clínica veterinária e esporotricose para posterior divulgação aos médicos veterinários desse estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 40 respostas ao questionário, sendo que 52,5% (21) eram mulheres e 47,5% (19) eram homens com um perfil de maioria jovens com idade 20-30 anos e com o tempo de atuação na área de clínica de pequenos animais variando de 1 a 5 anos.

Referente ao gerenciamento de resíduos, 100% responderam de acordo com as normas de biossegurança para a coleta especial de lixo infectante e material perfurocortante, assim como, a separação entre lixo comum e infectante. Da mesma forma, quanto aos comportamentos que influenciam o controle de infecção no ambiente de trabalho a maioria, 95%, age de acordo ao descontaminar todo equipamento utilizado em um animal com suspeita de doença infecto-contagiosa e ao higienizar as mãos entre atendimentos, 82,5%.

A maioria dos profissionais obtiveram um bom desempenho relacionado às práticas de controle de infecção, mas muitas vezes, o médico veterinário pode apresentar algumas práticas que eventualmente pode estar colocando em risco sua própria saúde (SILVA, 2015) como foi observado nesse estudo, 47,5%, não realizavam a antisepsia e higienização das mãos antes de comer, beber ou fumar no trabalho e que certamente, segundo PIMENTEL et al. (2015), é a ação mais importante para a prevenção do risco de transmissão de micro-organismos para clientes, pacientes e profissionais. Da mesma forma, 80% dos profissionais recolocam a tampa na agulha antes de descartar a seringa, que de acordo com PIMENTEL et al. (2015) essa atitude favorece à exposições percutâneas que são lesões provocadas por instrumentos perfurantes e/ou cortantes com exposição a material biológico podendo resultar em infecção por patógenos. E reutilizar seringas e/ou agulhas descartáveis, nesse estudo, 32,5% reutilizavam, mesmo sendo menor o número de profissionais, ainda sim segundo WRIGHT et al. (2008) reutilizar seringas é uma conduta que deve ser totalmente evitada para não favorecer a exposição de patógenos aos pacientes.

A utilização de EPI em situações diversas na prática clínica, como atendimento de pacientes com doenças zoonóticas, tal como na esporotricose, deve ser feito uso correto de EPI, no presente estudo o percentual baixo, 2,5% dos profissionais faziam o uso correto de EPI, tal fato pode ser reflexo de uma baixa percepção aos riscos por parte destes profissionais, por falta de conhecimento, capacitação ou treinamento (SILVA, 2015).

Dessa forma, é necessário capacitar e atualizar os médicos veterinários quanto aos cuidados de biossegurança por serem um grupo de risco a diversas doenças, o *folder* se torna um bom método de apresentar informações relevantes sobre biossegurança e assim reorientar o profissional quanto às boas práticas. Nesse sentido, a extensão desses conhecimentos, tem portanto, condições de sensibilizar quanto à importância de, aplicar as técnicas adequadas de controle de infecção.

No *folder* distribuído continham recomendações para manipulação do gato com suspeita de esporotricose, limpeza e desinfecção do ambiente, baseadas na experiência do LAPCLINDERMZOO/IPEC/Fiocruz, nas diretrizes gerais para o trabalho em contenção com agentes biológicos do Ministério da Saúde e no guia prático para a manipulação de microrganismos patogênicos e/ou recombinantes na Fiocruz, assim o *folder* abordava o uso correto de EPI, a contenção adequada do paciente, descontaminação do ambiente, equipamentos e artigos utilizados no atendimento e as boas práticas de biossegurança.

4. CONCLUSÕES

Apesar do bom desempenho relacionado às práticas de controle de infecção, os Médicos Veterinários apresentaram algumas práticas que podem estar colocando em risco sua própria saúde, dessa forma é importante realizar capacitações frequentes para estes profissionais, com relação não só à biossegurança, mas também com relação às informações relacionadas às doenças zoonóticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRA, W. C. P. Exposição a riscos ocupacionais em discentes do curso de Medicina Veterinária, de uma instituição de ensino do Centro-oeste de Minas Gerais, durante atividades clínicas. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro Universitário de Formiga.

PIMENTEL, B. J.; SANTANA C. S. T.; ARAÚJO, D. C. S. Manual de biossegurança Medicina Veterinária. CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC, 2015.

SILVA, D. T.; MENEZES, R. C.; GREMIÃO, I. D. F. et al. 2012. Esporotricose zoonótica: procedimentos de biossegurança. **Acta Scientiae Veterinariae.** v.4, n.40, p.1067, 2012.

SILVA, D. T. Percepções de médicos veterinários do Rio de Janeiro relacionadas à esporotricose e às boas práticas em biossegurança. 2015. 129 f. Tese (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Rio de Janeiro, 2015.

UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT (USAID). **Emerging Pandemic Threats program.** Washington, 2009. Acessado em: 2 set. 2019. Online. Disponível em: <https://www.usaid.gov/ept2>

ZANELLA, J. R. C. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. **Pesq. agropec. bras.** Brasília, v.51, n.5, p.510-519, maio 2016.

WRIGHT, J. G., JUNG, S., HOLMAN, R. et al. Infection control practices and zoonotic disease risks among veterinarians in the United States. **Journal of the American Veterinary Medical Association,** 232(12), 1863–1872, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. 2006. **Diretrizes gerais para o trabalho em contenção com agentes biológicos/** Ministério da Saúde. 2.ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 52p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Comissão Técnica de Biossegurança. 2005. **Procedimentos para a manipulação de microorganismos patogênicos e/ou recombinantes na FIOCRUZ: guia prático.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 219p.

GREMIÃO I. D. F., PEREIRA S. A., NASCIMENTO JÚNIOR, A., et al. Procedimento operacional padrão para o manejo de gatos com suspeita de esporotricose. **Clínica Veterinária**, n.65, p.68-70, 2006.